

Práticas, produção e reprodução: um saber fazer da moda.

Rosane Schmitz Fernandes¹

RESUMO

Este artigo aborda o tema sobre a educação da produção do vestuário que interage e estabelece uma relação de interface com a moda. As práticas sociais e escolares são identificadas em níveis e espaços de ensino diferentes, sendo estes inseridos na educação profissional, onde são tratados os conceitos de ofício, escola profissional feminina e um saber-fazer da moda. Enquanto que em outro nível de ensino, como a educação superior promove e produz o conhecimento através dos cursos superiores na área de moda. Apresenta-se um breve histórico da origem dos trabalhos relacionados com a prática da produção do vestuário desde o período histórico medieval e as possíveis perspectivas construídas da moda no contexto escolar da educação profissional feminina, que possivelmente foram precursoras dos cursos superiores de moda do período contemporâneo.

PALAVRAS CHAVES

Práticas, educação e moda.

Pretendo neste trabalho enfocar a questão da educação, estabelecendo uma relação entre a escola profissional feminina e a escola superior de moda, uma vez que nessas escolas se aprende a modelar, cortar, costurar, bordar, etc.

Primeiramente, busco o significado da palavra “ofício” que está relacionada à “ocupação ou trabalho especializado do qual se podem tirar os meios de subsistência” (FERREIRA, 2004, p.1430). Refiro-me, mais precisamente, ao trabalho de produção ou confecção do vestuário como prática social.

¹ Mestre em Educação e Cultura do Centro de Ciências da Educação/CCE/FAED da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. Professora colaboradora do curso de Design de Moda do Centro Universitário de Brusque – Unifebe, no Estado de Santa Catarina.



Fig. 01: Mulher trabalhando no tear. Período medieval.

Fonte: *The culture of fashion: a new history of fashionable dress*.
Christopher Breward, 1955, p. 30.

O ofício de costura não foi valorizado. O ensino e a aprendizagem deste ofício foram realizados primeiramente no espaço doméstico. As mulheres realizavam os trabalhos de tecer, fiar e costurar em casa, isto pode ser constatado desde a idade média como indica a figura 01, e ao longo do tempo, como no século XVIII. A partir dos processos que levaram à chamada Revolução Industrial, surgiu a necessidade de mão-de-obra especializada em certos setores, como é o caso da indústria têxtil e do vestuário. A partir daí as mulheres passaram a freqüentar o espaço público, aprendendo um ofício nas escolas de corte e costura e trabalhando nos ateliês e fábricas. Entretanto, segundo Breward em seu livro *“The culture of fashion: a new history of fashionable dress”*, o trabalho feminino na Europa ocidental, envolvendo a produção do vestuário, vinha sendo realizado já desde o século XIII: “a condição econômica e política da mulher dentro da sociedade ocidental já era bem definida desde o século XIII, particularmente em relação à casa e à própria indústria têxtil e do vestuário” (1995, p.29).

Os conceitos de feminilidade e modo de vestir eram muito próximos, entrelaçados, no período medieval (1995, p.30). O autor acrescenta, que as mulheres, vinham “tomando a responsabilidade da produção têxtil e de acessórios de roupas, atendiam a manutenção das roupas brancas da casa, tendo em vista a saúde da família” (1995, p.30). A responsabilidade da mulher pelo bem-estar da família e pelo bom andamento da rotina e dos afazeres de uma casa demandava, provavelmente, algum tipo de aprendizado e dedicação, seja no espaço privado ou público. Conseqüentemente ao espaço privado veio a ser representado pelo espaço doméstico, a casa; e o espaço público representado pelo espaço escolar e o trabalho fora de casa; a escola, o ateliê e a fábrica.

A escola profissional feminina, enquanto espaço público, pôde desta forma exercer uma função social, não somente na produção e na reprodução do vestuário, mas, também, por

significar um direito da mulher de receber uma educação formal com intuito de manter seu papel de mãe e dona de casa e de preparar-se para inserção no mercado de trabalho.

Ao considerar-se que a prática social da produção do vestuário exercida dentro da escola profissional feminina é uma prática antecipada, precursora do ensino da produção do vestuário dentro da escola superior de moda, pode-se entender que aí se inicia a construção de um “saber-fazer da moda”, enquanto técnica e reflexão sobre a moda. Isso porque existe, em ambas as escolas, a sistematização do ensino e a aprendizagem da produção do vestuário, com diferenciação quanto ao nível de formação e objetivos de atuação na sociedade.

No contexto da formação profissional feminina, as mulheres capacitavam-se para tornarem-se costureiras, bordadeiras, chapeleiras e modistas. Esta última nomenclatura foi citada por Moraes (2003:321), em seu livro *“A socialização da força de trabalho: instrução popular e qualificação profissional no Estado de São Paulo (1873 – 1934)”*. Explicita essa autora o destino das egressas do Seminário da Glória ou “das Educandas”, na cidade de São Paulo, no fim do século XIX e início do século XX. Neste lugar, ensinava-se costura para meninas órfãs conforme constava nos Relatórios da Secretaria dos Negócios do Interior do Estado de São Paulo. Sua pesquisa informa que dessas meninas, ao terminarem os cursos, muitas casavam-se ou iniciavam o curso normal; outras seguiam para serviços domésticos, para emprego no comércio e para modistas².

Com as transformações do comércio e da urbanização nas grandes capitais, e com o desenvolvimento industrial no setor têxtil, incluindo as fábricas de tecido e vestuário, segundo Pires (1999, p.2), avança-se para o desenvolvimento das relações sociais capitalistas.

A escola profissional feminina surgiu com os objetivos de capacitar profissionalmente as mulheres pobres e colaborar na manutenção deste desenvolvimento das relações sociais capitalistas, produzindo um modelo de cultura feminina com formação destinada às “prendas domésticas”; eram objetivos baseados no discurso político de formação profissional adequada para as camadas populares, sendo esta escola também colaboradora na formação da classe trabalhadora para o desenvolvimento do país, no começo do século XX. A escola superior de moda, por sua vez, surgiu com o intuito de capacitar profissionais qualificados, para atender às necessidades de uma sociedade de consumo, que é mantida por um complexo industrial, constituindo o sistema da moda, e demandando, desta forma, mão-de-obra com formação técnica e teórica desenvolvida pela academia nas universidades. O ensino superior na área de moda, segundo Françoise Vicent-Ricard no livro *“Os aspirais da moda”*, é considerado como

² “emprego para modistas” (MORAES, 2003, p. 321) e “ateliê de modistas” (MORAES, 2003, P. 405).

“formação nos ofícios da moda” tratando o processo de formação profissional dos grandes criadores que se desenvolvem a partir do trinômio “criação – estilo – indústria” (1989, p.232).

Pensa-se aqui na construção dos ofícios da moda, não somente enquanto vistos de uma perspectiva mais sofisticada ou elaborada, que remete à formação profissional de criadores e estilistas, que são dirigidos a produzir tanto na alta costura como na indústria do *prêt-à-porter*, mas também se pode considerar o ofício da moda a partir do trabalho realizado pelas costureiras, bordadeiras, chapeleiras, trabalho do “saber e do saber-fazer de uma classe social dominada”, conforme Bourdieu (1992, p.53) quando se refere a uma escolaridade das “técnicas artesanais, língua e arte popular [...]”.

Todo este aparato de ensino está voltado à formação de mulheres trabalhadoras, à realização de trabalhos manuais. Essas mulheres produziam e reproduziam o vestuário nos lares, nos ateliês e nas fábricas. Enquanto a costureira passa pela escola profissional feminina ou aprende a costurar em casa; o estilista ou criador/costureiro tem uma formação superior em moda, passando pela universidade. Sendo que ambos realizam trabalhos semelhantes e adquirem um “saber-fazer” da moda, tendo que dominar as técnicas da modelagem, do corte e da costura de uma peça de roupa.

Neste “saber-fazer” relacionado com a moda permeia o sentido prático e subjetivo. Quanto ao sentido prático, à realização das técnicas da produção do vestuário. A moda, portanto, relaciona-se com o modo de se vestir, nas mais variadas formas de comportamento, hábitos e costumes de uma determinada cultura. E ainda engloba a maneira de relacionar-se com o corpo, o qual sofre mudanças inevitáveis, provocando ou surgindo novas concepções de entendimento quanto ao corpo e ao vestuário. E aqui caberia uma longa reflexão: embora não sendo parte do objetivo deste trabalho, é importante estabelecer ou levantar certas premissas que circundam a moda, como sua conexão com o campo da engenharia têxtil e da administração de empresas.

Quanto ao sentido subjetivo da moda, há que se pensar também na arte, na estética, na sensibilidade, na intuição. São estes conceitos e atributos que interagem com o processo de criação, englobando ainda o conhecimento das formas, das cores e dos estilos, demandando reflexões nas áreas do conhecimento das ciências como Educação, Filosofia, História, Semiótica, Comunicação, Antropologia, Sociologia e Psicologia. Através desses dois sentidos que, como profissional e pesquisadora na área de moda, entendo e percebo na moda. Existem autores que tratam a moda de maneiras diferentes; há os que vêem a moda apenas como uma maneira, um *modus* que se manifesta primeiramente na maneira de vestir-se; outros entendem

moda como linguagem corporal e visual, expressão artística, decoração, objetos de consumo, comportamento, estilo de vida, etc.

Mas, neste trabalho, a relação que destacamos com a moda é a relação com o ensino da produção do vestuário, tomando sua construção no espaço e tempo, bem como com a realidade social que engloba determinadas práticas. Sendo assim, tanto a educação profissional feminina, do início do século XX, como a escola superior de moda, já no fim desse mesmo século, ensinam as práticas da produção do vestuário, ainda que em perspectivas diferentes.

Passo apresentar um exemplo comparativo entre a Escola Profissional Feminina de Florianópolis do Estado de Santa Catarina, que oferecia os cursos relacionados com a produção do vestuário, assim denominados: corte e costura, bordados, flores e chapéus. E o Curso Superior de Moda do Centro de Artes (CEART), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que possui algumas das disciplinas da grade curricular, assim chamadas: modelagem, ateliê experimental de confecção, aviamentos, acessórios, complementos de moda e entre outras.

No quadro 1, apresento uma comparação entre os dois diferentes tipos de escolas que produzem o vestuário. São comparadas quanto ao tempo, ao público-alvo, ao custo, à formação, ao objetivo principal e às profissões.

Escola Profissional Feminina	Escola Superior de Moda
Surgiu no fim do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro.	Surgiu no fim do século XX, na cidade de São Paulo.
Educação do povo.	Educação da classe dominante.
Ensino público e gratuito.	Ensino público, gratuito e privado.
Formação para o modelo/ <i>habitus</i> feminino de trabalho autônomo e fábricas (vestuário e acessório).	Formação superior acadêmica e mercado de trabalho (têxtil e confecção).
Pré-requisito: idade mínima de 15 anos e pagamento da taxa de matrícula.	Pré-requisito: conclusão do ensino médio e aprovação no vestibular ou processo seletivo.
Socialização da mulher.	Produção do conhecimento.
Inserção e formação da mulher para o mercado de trabalho.	Teorização e sistematização do conhecimento de moda.
Profissão: costureira, bordadeira e chapeleira.	Profissão: estilista ou designer de moda, coordenação de moda e gerência de produto.

Quadro 1 – Comparação entre as escolas de práticas de produção/reprodução do vestuário.

Depois de estabelecer as diferenças entre as duas escolas, passo a apresentar os pontos em comum. O primeiro refere-se à produção/reprodução do vestuário, embora produzam o vestuário com métodos de ensino e aprendizagem e níveis de complexidade diferentes. O segundo é a relação com a moda, interagindo com os mesmos elementos como as cores, as formas e estilos, acompanhando as tendências de moda. O terceiro ponto em comum refere-se à inserção em um sistema de produção capitalista, também visando ao atendimento de diferentes camadas sociais e setores de atividades da sociedade.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1992.

BREWARD, Christopher. The Culture of Fashion: A new history of fashionable dress. Manchester and New York: Manchester University Press, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. A Socialização da Força de Trabalho: Instrução Popular e Qualificação Profissional no Estado de São Paulo (1873-1934). São Paulo: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

PIRES, Dorotéia Baduy. A prática social da produção do vestuário, sua teorização e sistematização pela academia: o modo de vestir como componente da educação feminina. PUC- PR. Dissertação de Mestrado em Educação, 1999.

VINCENT-RICARD, Françoise. As espirais da moda. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.